

19-05-2020

## Pós-Quarentena: Será que é Tudo em Vão? Será que Vamos Vencer?

### Luizinho do EISA

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Não é mais possível levar avante o projeto de capitalismo como modo de produção que favorece a concentração de renda de uma minoria, lançando na miséria um grande número de seres humanos, nem do neoliberalismo como sua expressão política. O capitalismo é somente bom para os ricos, para os demais é um purgatório. O que está salvando não é o individualismo nem a concorrência, seu motor principal, mas a interdependência e a solidariedade entre os mais pobres.

A ideia de que podemos sair melhores da pandemia do Covid-19 pode ser um alento. Como nos alertou o saudoso Renato Russo “Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?”. Descobrimos que a vida é o valor supremo e não o acúmulo de bens materiais. Todo aparato bélico em poder de governantes belicosos e do avanço da tecnologia da informação, da inteligência artificial e da internet: coisas que influenciam o surgimento de uma sociedade do controle e as mudanças nas relações de trabalho alardeadas pelos arautos de um novo mundo como possíveis substitutas dos seres humanos se mostraram ridículas face a um inimigo microscópico invisível: o Novo Corona Vírus. Então o vírus escancara a realidade. O poder econômico precisa ser usado para frear a ganância dos poderosos para promover justiça, diminuir as desigualdades sociais e oferecer oportunidades iguais a todos. Os donos do poder têm que se penitenciar que o neoliberalismo fracassou. Do vírus não dá para fugir, já que fugir é morrer. Isolados, assistimos das nossas janelas e de nossas telas ao avanço da pandemia. No atestado de óbito das vítimas terá “morte Coronavírus”. Lembramos que pessoas também morrem de fome, de doenças graves, de violência e exclusão. Vimos a elite do atraso, a mesma que só se liga nos cifrões em desfile de carreatas fúnebres obrigando os mais pobres a irem para as ruas, como se fosse aceitável a covardia de correr risco com a vida alheia. Os corpos são concretos como é concreta a dor. Com o novo Coronavírus, descobrimos ser possível acontecer tudo aquilo que a elite do dinheiro afirmava ser impossível: parar de produzir, reduzir o número de voos, aumentar os investimentos dos governos nas áreas sociais e mudar radicalmente os hábitos. Mentiam os autores do pensamento único: os neoliberais. O mundo parou. E ele não será mais do mesmo jeito, os relacionamentos não serão mais os mesmos e, muito provavelmente, não nutriremos as mesmas ideias e ideais. Quando a quarentena, por conta da pandemia acabar, a vida retomará seu rumo. Fatores positivos em meio a esta crise, como estreitar laços de solidariedade, partilhar bens, cuidar dos vulneráveis, resgatar antigas brincadeiras para entreter a criançada e, sobretudo, descobrir que podemos ser felizes curtindo o âmbito familiar.

Já que o vírus ameaçador provém da natureza o isolamento social oferece a oportunidade de nos questionarmos: qual foi e

como está nossa relação com a mãe-natureza, principalmente em relação ao respeito à Terra. A pandemia desmoralizou o discurso neoliberal de eficiência do livre mercado.

Como em crises anteriores, mais uma vez se recorreu ao papel do Estado. Os países que privatizaram o sistema de saúde, como EUA, enfrentaram mais dificuldades para conter o vírus do que aqueles que dispõem de um sistema público.

No Brasil está sendo fundamental a atuação do SUS, mesmo sendo ele vítima de uma política implacável de sucateamento por conta deste governo. Isso nos dá mais ânimo para lutarmos pela defesa do fortalecimento do Sistema Único de Saúde.

O vírus não mata pássaros, nem outro ser, apenas os humanos. E são eles que estão em pânico com seu mundo artificial.

A natureza segue. Como impedir que o capitalismo, que nos roubou o presente nos roube também o amanhã? Nós, os que hoje estamos vivos, nunca enfrentamos uma ameaça como o novo Coronavírus. Se tantos repetem que o mundo nunca mais será mesmo, qual é então o mundo que queremos?

Não tenhamos ilusões. Enquanto a pandemia é enfrentada, essa resposta já está sendo disputada. É ela que vai determinar o futuro próximo, lutar pela vida ameaçada pelo vírus é o imperativo da emergência. A quarentena vai acabar, a humanidade vencerá mais essa pandemia: isso é certo.

Mas tudo o que não queremos ou pelo menos tudo o que não deveria acontecer é retornarmos às coisas que fazíamos do jeito que fazíamos anteriormente. É preciso, porém, fazer algo ainda mais difícil: lutar pelo futuro pós-vírus com propostas que atendam aos mais necessitados. Se não o fizermos, a retomada da normalidade será como quer a Elite do Dinheiro, com a volta da brutalidade cotidiana que só era normal para os privilegiados de sempre. Tomara que não voltemos à normalidade, pois se voltarmos, é porque não valeu de nada a morte de milhares de pessoas mundo afora. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho, as mudanças já estão em gestação. Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando.

Aí sim teremos provado que a humanidade é uma mentira. Tudo na vida tem um ciclo e esse também vai terminar.

A memória que formos capazes de armazenar durante o confinamento determinará a maneira como caminharemos no futuro. O que desejamos perpetuar? O nome e a história dos mortos ou o desprezo para com a vida? A rede de solidariedade que levou cestas básicas, remédios e material de limpeza aos moradores das comunidades carentes ou as provocações e confrontos? Ou o sadismo em forma de publicações nas redes sociais? Que nossa humanidade não seja contaminada, e saíamos desta experiência irmanados em histórias e verdades, com memorial rico em afeto, fraternidade e solidariedade. Mas tudo o que temos é encontrar um caminho para liquidar o monstro chamado capitalismo, que se expressa pelo neoliberalismo, e impedir que se regenere.

Mais do que nunca, hoje lutamos pela vida.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*